

COMPLEXO DE ÉDIPO: PARADIGMA DA PSICANÁLISE

Jairo Gerbase

Unitermos: Complexo de Édipo - RSI - Sintoma

Resumo:

Este texto se ocupa da demonstração do que se denomina ir além do Édipo. Ele trata o complexo de Édipo como um sintoma que, como um quarto nó, enoda o real, o simbólico e o imaginário, e, desse modo, funciona como aparelho de gozo, como aparelho de abordagem da realidade.

Freud afirmou, como se sabe, que o núcleo do sintoma neurótico é o complexo de Édipo. Em torno desse paradigma têm girado a teoria e a técnica psicanalíticas até aqui ou, se quisermos, até o "Seminário XVII" (1967), de Lacan, onde se elabora a hipótese do "além do Édipo".¹

Lacan nunca chegou a dizer explicitamente que o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo, porém deixou muitas indicações a esse respeito.

Uma primeira indicação encontra-se em sua aula "O mal-entendido".

Sabe-se que Otto Rank apresentou uma hipótese sobre a angústia baseada no "trauma do nascimento" da qual Freud discordou em diversas oportunidades, especialmente no capítulo X de "Inibição, sintoma e angústia",² porque contrariava radicalmente sua hipótese da angústia de castração.

Lacan participa dessa polêmica com sua hipótese:

"Não há outro traumatismo do nascimento senão nascer desejado. Desejado ou não, dá no mesmo, porque pelo falaser. O ser falante em questão se reparte em geral em dois falantes que não falam a mesma língua, que não se ouvem e não se entendem".³

Com efeito, na experiência analítica, alguns sujeitos dizem que não foram desejados, outros, ao contrário, que foram desejados demais. Os psicanalistas acreditam nessa hipótese, no fato de que é preciso que o sujeito seja desejado, acreditam que o problema do sujeito neurótico é não ser desejado, ou melhor, ser não desejado. Porém, para Lacan, ser desejado é em si mesmo traumático, porque o sujeito é desejado por um outro sujeito que também não sabe o que deseja, ou melhor, não sabe quem deseja. É sua hipótese do inconsciente.

Quando o outro deseja, seja o que for, mesmo que seja apenas o nome-próprio do sujeito, não sabe bem o que deseja, dado que ele também é um sujeito dividido, também é um sujeito do inconsciente, o que é a condenação maior do ser falante, postulado que Lacan define desta maneira: "o inconsciente não é que o homem não sabe *o que* diz, mas que não sabe *quem* o diz".⁴ Em outras palavras, o saber do inconsciente fala por conta própria.

Ser desejado é o que traumatiza porque o falaser não sabe quem deseja, e é assim que entendemos a fórmula segundo a qual toda criança que nasce é para sua mãe o aparecimento no real do objeto que falta à sua existência.⁵

Pode-se notar o peso dessa fórmula recorrendo-se a uma passagem da "Questão preliminar..." na qual Lacan observa que "todo o problema das perversões consiste em conceber como a criança identifica-se com o objeto imaginário do desejo da mãe, na medida em que a própria mãe o simboliza no falo".⁶

¹ LACAN, J. *O seminário, livro XVII: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

² FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XX.

³ LACAN, J. Le Malentendu. Séminaire Dissolution. (10/06/80). *ORNICAR?* 22/23. Paris: Navarin, 1981, p. 7.

⁴ LACAN, J. *O seminário, livro XVII*, p. 66.

⁵ LACAN, J. Nota sobre a criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 370.

⁶ LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 561.

A partir dessa observação diversos autores têm formulado os destinos do sujeito em termos bastante simplificados: se ele se oferece como objeto falo [-φ] implica a perversão, se se oferece como objeto [a] implica a psicose, mas se tem a sorte de identificar-se ao desejo da mãe, quer dizer, reconhecer-se também como sujeito desejante, resulta em neurose. Quer dizer que a falta que está posta para o sujeito também está posta para o outro, que por isso mesmo tem uma tendência a tomar o sujeito, de diversas maneiras, como complemento desta falta.

Lacan acrescenta ainda que o falaser se reparte entre dois seres falantes que não falam a mesma língua, que não se ouvem e que não se entendem. Pensamos que falamos a mesma língua, o que é verdade, mas também é verdade que há, para cada falante, um uso tão particular da língua materna que acaba gerando a maioria dos mal-entendidos, a tal ponto que se poderia dizer que cada um fala sua própria língua.

A teoria d'alíngua é a teoria do inconsciente como aluvião. Há a língua e alíngua. Há a língua materna e há alíngua [o inconsciente], o que quer dizer que, quando entramos, desde muito cedo, na comunicação com o outro, vão se acumulando passo a passo uma série de mal-entendidos que se depositam como um aluvião, e que é o que faz o sintoma. Em outra oportunidade Lacan disse isso de uma maneira muito mais precisa: "alíngua é uma outra cena que por sua estrutura a linguagem ocupa".⁷

Uma segunda indicação de que Lacan nunca chegou a dizer explicitamente que o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo, encontra-se na aula denominada "tagarelice":

"A vida não é trágica é cômica, e é muito curioso que para designar isto Freud não tenha encontrado nada melhor que o complexo de Édipo, isto é, uma tragédia. Não se entende por que ele não tomou um caminho mais curto, que seria o de designar por intermédio de uma comédia isso que joga nessa relação que liga o simbólico, o imaginário e o real".⁸

Lacan se impressiona com o fato de que Freud tenha recorrido à tragédia - Édipo Rei, de Sófocles - para explicar avatares dos seres falantes que são inteiramente cômicos, que não têm a exacerbação que se encontra na tragédia.

Ele vai desentronizando a soberania de Édipo enquanto "complexo nuclear da neurose" - hipótese de Freud - e entronizando que a cópula de que se trata não tem nada a ver com sexo - hipótese de Lacan - no sentido de que a união sexual de que se trata, o laço social com o qual a psicanálise tem a ver é entre o simbólico, o imaginário e o real.

Quando falamos de relação sexual, queremos fazer entender por isso a cópula de dois significantes, e é por essa razão que dizemos: dado o fato de que a linguagem não possui um significante que possa representar no inconsciente um dos dois gozos, o assim chamado gozo não-toda, dado o fato de que a linguagem só possui um único significante para representar no inconsciente um dos dois gozos, o assim chamado gozo fálico, não há relação sexual.

Dessa maneira, Lacan põe em questão o parentesco, na medida em que indica que a impossibilidade da relação sexual reside no mistério da união dos pais, quer dizer, da união sexual, da relação erótica do pai com sua mulher. Daí sermos levados a dizer que o paradigma da psicanálise não é a relação do pai com a mãe, mas a relação do homem com a mulher, relação significante, impossível de existir.

Eis aí o paradoxo que gostaria de submeter a apreciação do leitor: a impossibilidade da relação sexual não se aplica à relação edipiana, se aplica à relação entre um homem e uma mulher, a isso que se chama de exogamia. A exogamia é impossível. A endogamia é possível, ao contrário do que possa parecer. Por esta razão inventou-se a lei da interdição do incesto.

Se a não-relação sexual se aplicasse ao complexo de Édipo não seria preciso inventar a lei da interdição do incesto porque a própria impossibilidade da relação sexual seria uma

⁷ LACAN, J. La varité du symptôme. 19/04/1977. L'Insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. ORNICAR? 17/18. Paris: Navarin. 1979, p. 12.

⁸ LACAN, J. Une pratique de bavardage. 15/11/1977. ORNICAR?.19. Paris: Navarin. 1979, p. 9.

interdição à relação entre gerações vizinhas. Se não houvesse um significante para escrever o gozo imaginário do menino com sua mãe, encontraríamos aí a mesma impossibilidade que encontramos na relação entre sujeitos da mesma geração e, portanto não seria preciso existir uma lei suplementar que legislasse sobre a relação endogâmica. 9

Se visualizarmos o nó borromeano - RSI Σ - podemos dizer que o Édipo é um círculo a mais que pode enodar de uma maneira não borromeana o aparelho mental, que é um aparelho de discurso. O nó borromeano de três – RSI - admite uma propriedade segundo a qual é impossível desfazer um dos círculos sem que os dois outros distinguíveis sejam liberados. Enodado pelo quarto círculo essa propriedade é perdida. Se pensarmos RSI como dimensões do aparelho psíquico, seria realmente necessário ter um outro círculo, que anulasse essa propriedade, a fim de tornar mais estável o aparelho. A esse nó do Real, do Simbólico e do Imaginário, acrescentamos mais uma rodinha, que Lacan chamou de Sintoma e que pode também ser chamada de Complexo de Édipo.

RSI é a estrutura paranóica. RSI Σ é a estrutura neurótica.

Enfim, o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo, mas a não-relação sexual, ou seja, isso que está em jogo na relação entre o real, o simbólico, o imaginário e, acrescento, o sintoma.

Uma terceira indicação de que Lacan nunca chegou a dizer explicitamente que o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo, encontra-se na aula "O sintoma e o pai":

"O complexo de Édipo é como tal um sintoma. É na medida em que o Nome-do-Pai é também o Pai-do-Nome que tudo se sustenta, o que não torna menos necessário o sintoma".¹⁰

A fórmula segundo a qual tudo se sustenta do Nome-do-Pai serve tanto para reconstruir como para desconstruir o complexo paterno. Embora estejamos todos de acordo que é preciso ir além do pai, ir além do Édipo, isto não quer dizer que a cada análise deve-se primeiro analisar o Édipo e depois analisar o além do Édipo, mas, ao contrário, que é preciso sempre analisar o Pai e o Édipo além da dimensão parental, da dimensão do parentesco.

Embora seja de uma evidência incontestável que durante uma análise, apesar de darmos apenas a regra fundamental, as pessoas falam irresistivelmente de sua mamãe e de seu papai, embora também seja obviamente evidente o fato de que o menino seja imediatamente atraído por sua mãe enquanto que a menina esteja em um estado de devastação para com ela, parece, porém que isso acontece de preferência porque a coisa mais fundamental da relação sexual tem a ver com a linguagem, com o que se chama de língua materna, com o fato de que "o que cria a estrutura é a maneira como a linguagem emerge no começo do ser humano".¹¹

Talvez a razão desse retorno à família (aos complexos familiares, à relação com os pais, à análise como história de uma família, à forma típica como a metáfora paterna se traduz em sintoma - o que é curioso, porque a metáfora paterna é uma fórmula do sujeito sem sintoma, é uma espécie de fórmula ideal da constituição subjetiva), cada vez que o sujeito é colocado em algum tipo de dispositivo analítico, seja de natureza estrutural.

Uma indicação nesse sentido encontramos em "*La varité du symptôme*" onde Lacan extrai do livro de Rodney Needham – "O parentesco em questão" - a observação de que o parentesco comporta uma *varité* cultural muito maior do que o que os analisandos dizem dela. Impressiona-lhe que os analisandos, com efeito, só falem de papai e de mamãe e por isso mesmo não notem a especificidade que diferencia sua relação particular a seus parentes próximos. Para ele o que se evidencia aí é que "os analisandos só falam disso

⁹ GERBASE, J. asexo(ualidade). *TOPOS* 10. Revista do Espaço Moebius. Salvador: Novembro 2000, p. 81.

¹⁰ LACAN, J. Le sinthome et le père. (18/11/75). Séminaire XXIII. Le Sinthome. *ORNICAR?* 6. Paris: Navarin. 1976, p. 9.

¹¹ LACAN, J. Yale University, Kanzer Seminar. (24/11/75). *Scilicet* 6/7. Paris: Éditions du Seuil. 1976, p. 12 e 14..

porque seus parentes próximos lhe ensinaram *alíngua*", esta estrutura mais elementar e que subsume a relação de parentesco.¹²

Uma quarta indicação de que Lacan nunca chegou a dizer explicitamente que o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo, encontrar-se-á no "Seminário XVII", onde dirá que é "o significante-mestre quem determina a castração", que "o complexo de Édipo é inutilizável" e que é "um sonho de Freud".¹³

Com efeito, quem utiliza ainda, que lugar tem na análise o complexo de Édipo? Édipo começa com um sonho de Freud. Ele diz ter verificado também em seu caso "a paixão pela mãe e o ciúme do pai", e passa a considerar isso como "um evento universal do início da infância", chegando à conclusão de que "cada pessoa foi, um dia, em germe ou na fantasia, um Édipo".¹⁴

É exatamente em "*o avesso da psicanálise*" que Lacan introduz o além do Édipo. A teoria do Nome-do-Pai é então renovada, indo-se além do pai. O conceito de pai, tal como está formulado em Freud, como um agente interditor, é atualizado para o conceito de função paterna.

Soler¹⁵ também destaca essa necessidade de distinguir o nível conceitual do significante, do nível empírico dos personagens implicados em um discurso, a relação que existe entre as figuras da mãe e do pai e a resposta do sujeito, do lado da admissão ou do rechaço do registro parental. Afirma que Lacan desconecta a presença do pai real e o significante, já que nos diz que podemos ter um pai ausente, não pai na realidade, e o significante em seu lugar e, ao contrário, ter o pai presente e o significante ausente.

Lacan chega a dizer que a figura do pai não tem nada a ver com a presença ou ausência do Nome-do-Pai, que o problema reside no mistério da união dos pais, quer dizer da união sexual. Situa-o do lado do pai não do lado da mãe e de modo preciso do lado da relação talvez erótica do pai com sua mulher.

Então, permanece o pai, mas não a mitologia do pai. Quando se diz, no nível teórico, que a fobia é um pai, pode-se notar um sintoma cumprindo uma função paterna, a de interdição. No nível empírico, quando se diz que Hanna interdita o gozo imaginário de Hans e sua Mãe, pode-se igualmente notar um fenômeno cumprindo uma função paterna, a de interdição.

Pode-se dizer isso de outra maneira: a linguagem não torna possível dizer tudo, o que no léxico de Freud se denomina castração, e no de Lacan, Nome-do-Pai, função de interdição. A linguagem, isto é, o significante-mestre é o próprio agente da castração. O fato de que a linguagem não pode dizer toda a verdade significa interdição, significa que se deve deixar muitos ditos interditos, nas entrelinhas, o que Freud denominou recalque, função do significante-mestre.

¹² LACAN, J. La varité du symptôme. (19/04/1977). *L'Insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. ORNICAR?* 17/18. Paris: Navarin. 1979, p. 12.

¹³ LACAN, J. *O seminário, livro XVII*, p. 83, 93 e 110.

¹⁴ FREUD, S. Carta 71. *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago 1976. V. I.

¹⁵ SOLER, C. "Ubicación del Escrito de Jacques Lacan – De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis". *ACTE 1* Barcelona: Ateneu de Clínica Psicoanalítica Catalunya. Junio 2000. p. 16-17.